

## VIVER EM RISCOS: A (RE)CONFIGURAÇÃO DO HABITAR DOS(AS) MORADORES(AS) DO LOTEAMENTO BARÃO DO MAUÁ NA CIDADE DE PELOTAS

NATÁLIA CARVALHO DA ROSA<sup>1</sup>; JOSÉ LUÍS ABALOS JÚNIOR<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – natalirs@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – abalosjúnior@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, analisamos, a partir da antropologia urbana, dinâmicas de reconfiguração do habitar entre moradores(as) do Loteamento Barão de Mauá (Pelotas/RS), após mais de uma década de reassentamentos e das enchentes de maio de 2024. Retomando uma pesquisa anterior sobre impactos socioterritoriais de remoções urbanas, investigamos, com apporte etnográfico, como as percepções de risco, articuladas às inundações recentes, ressignificam práticas cotidianas, sociabilidades e apropriações do espaço.

O Loteamento Barão de Mauá é um território periférico localizado na região próxima ao canal São Gonçalo, na cidade de Pelotas. Realizei uma pesquisa no local durante os anos de 2015 e 2016, que resultou na dissertação em sociologia intitulada *Regularização Fundiária: as Transformações Sociais na Vida Cotidiana dos Moradores e Moradoras do Loteamento Barão de Mauá*. O objetivo foi analisar os impactos e as transformações sociais na vida cotidiana dos moradores e moradoras removidos de áreas consideradas “irregulares” e reassentados no loteamento Barão de Mauá, no município de Pelotas (RS). A análise observou os processos de planejamento urbano e de regularização fundiária para compreender de que modo a transformação do espaço urbano alterou o cotidiano dos moradores (ROSA, 2016).

Esta investigação parte do urbano, especificamente da produção de territorialidades periféricas (FRÚGOLI, 2005; KOWARICK, 2012; CALDEIRA, 2002; TELLES, 2010), que destacam ser mais apropriado falar em periferias, refletindo as pluralidades, diferenças e graus de consolidação de materialidades urbanas nesses territórios. A partir de entrevistas, problematizamos a categoria de risco como fenômeno socialmente construído, tensionado entre experiências e discursos institucionais.

Argumentamos, a partir do campo de pesquisa, que o habitar em risco não se reduz a uma condição estática, mas constitui um campo relacional em que se negociam pertencimentos e formas de habitar entre a gestão estatal de riscos ambientais e as práticas cotidianas dos(as) moradores(as), reconfigurando os modos de existência na cidade.

## 2. METODOLOGIA

Foram realizadas observação e entrevistas com moradores e moradoras do Loteamento Barão de Mauá para investigar a percepção e o sentido do risco na sua inter-relação com a definição produzida pela gestão municipal sobre o território do Loteamento. Com o aporte etnográfico, as dimensões de microanálise e os tensionamentos dos modos de vida cotidiano emergem enquanto dados de pesquisa que nos ajudam a demonstrar a necessidade de articulação de políticas sociais junto aos moradores e moradoras do lugar.

Deste modo, a ethnografia não se limita a uma prática de pesquisa; ela representa uma teoria vivida. “Desta perspectiva, a etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2008, p. 03). Nesse diálogo entre teoria e prática, ocorre a renovação científica. Portanto, não se trata de determinar regularidades abstratas, mas de auxiliar em descrições minuciosas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento da pesquisa, indicamos que as enchentes atuaram como catalisadoras de processos latentes: a precariedade infraestrutural, herdada do histórico de remoções, convergiu com novas vulnerabilidades, produzindo estratégias coletivas de adaptação (como redes de solidariedade) e disputas simbólicas sobre o direito à cidade. Ao mesmo tempo, evidenciamos como agentes estatais mobilizam concepções técnicas de risco, frequentemente dissociadas das percepções dos(as) moradores(as) do Loteamento.

#### 4. CONCLUSÕES

Por se tratar de uma pesquisa de intervenção no campo, ainda em estágio embrionário, ela não apresenta ainda resultados e conclusões. Nesta fase da pesquisa, os encontros com os moradores e moradoras do Loteamento está produzindo correções e reformulações nesta pesquisa. Mas, sobretudo, trazendo elementos relevantes para o debate sobre o viver em risco e o direito à cidade a partir dos moradores e moradoras do Loteamento Barão de Mauá.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, T. P.. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2000.

FRÚGOLI, H. Jr.. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2005, V. 48, N°1.

PEIRANO, M.. Etnografia, ou a teoria vivida. **PontoUrbe**, ano 2, fevereiro de 2008.

ROSA, N. C.. **Regularização fundiária em Pelotas: as transformações na vida cotidiana dos(as) moradores(as) do Loteamento Barão de Mauá.** 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia)– Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

TELLES, V.. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Fino Traço Editora: Belo Horizonte, 2010.

KOWARICK, L.. **Viver em risco:** sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. Editora 34: São Paulo, 2012.